

Zuzanna Bułat Silva

Universidade de Wrocław

Amor em português

Resumo

Cada cultura tem os seus próprios modos de falar, pensar, actuar e até sentir, os quais se reflectem na língua. Na minha comunicação analiso o significado lexical duma palavra portuguesa, amor. Tendo como base o corpus composto dos textos das canções do fado lisboeta, faço uma tentativa de procurar o invariante semântico da palavra amor no fado e defini-lo em termos da metalíngua semântica natural (NSM) de Anna Wierzbicka. Aquela metalíngua, formada de apenas 60 palavras simples e universais, permite descrever vários conceitos culturais sem prejuízos etnocéntricos.

Palavras-chave: amor, semântica lexical, metalíngua semântica natural, network, invariante semântico.

Amor in Portuguese

Summary

Every culture has its own ways of speaking, thinking, acting and even feeling, which are reflected in language. In my communication I analyse a lexical meaning of one Portuguese word, amor. Having as a base a corpus consisting of Lisbon fado songs, I try to look for a semantic invariant of a word amor in fado and to define it in terms of the Natural Semantic Metalanguage (Wierzbicka 1996). This metalanguage, made up from only 60 simple and universal words, allows to describe various cultural concepts without ethnocentric prejudice.

Key words: amor, lexical semantics, natural semantic metalanguage, radial network, semantic invariant.

“Mesmo que Dom Pedro não tenha arrancado e comido o coração do carrasco de Dona Inês, Júlio Dantas continua a ter razão: é realmente diferente o *amor* em Portugal” - escreve Miguel Esteves Cardoso, jornalista e escritor português no seu livro *A Causa das Coisas* (Cardoso 1995: 19, [em:] Sampaio Sereno 1996: 113). Concordando com ele, queria olhar para a palavra *amor* do ponto de vista da semântica lexical e explicar o significado lexical dela em termos da *metalíngua semântica natural* de Anna Wierzbicka (1996). As minhas

considerações baseiam-se no corpus recolhido para a tese de doutoramento, o corpus que é formado de 254 canções do fado lisboeta. Acho que o fado como género típico da cultura portuguesa é um bom material para analisar aquela palavra, que considero chave desta cultura¹.

A definição do vocábulo *amor* é muito difícil para os lexicógrafos. O problema mais importante parece ser fixar o invariante semântico da palavra. Será o ‘conjunto dos fenómenos cerebrais e afectivos’ (Machado 1981 I: 415), a ‘predisposição da afectividade e da vontade’ (DIC 2001: 221) ou ‘inclinação natural e mútua dos dois sexos’ (Morais Silva 1949 I: 784)? Os fraseologismos e também os verbos que entram em contacto com *amor* mostram que, embora o amor seja considerado uma ‘emoção positiva’, frequentemente é conceptualizado como uma emoção ‘violenta’, que ‘priva da razão’, que ‘limita a liberdade’, e inclusive ‘destrói’: *amor é cego, furioso, captativo, somos perdidos de amor, loucos de amor, podemos até morrer de amor*. No *Dicionário dos Sinónimos Poético e de Epítetos da Língua Portuguesa* (Roquete/Fonseca 1974: 58) lemos que „o amor é forte como a morte”. Os autores exemplificam aquela tese com uma citação de *Os Lusíadas*:

Se dizem, fero amor, que a sede tua
Nem com as lágrimas tristes se mitiga;
É porque queres áspero e tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.
(livro III, verso 119)

O invariante semântico do termo *amor* é, creio eu, uma ‘afeição profunda de uma pessoa por outra’. Aquela afeição pode ser baseada no: instinto de conservação (*amor-próprio*), no parentesco (p.e. *amor materno*), na atracção sexual (*amor erótico, paixão*), e também na ligação a uma entidade transcendente, religiosa (*amor a Deus*)². Por causa de todas aquelas expressões conterem o adjectivo que especifica cada um dos tipos de amor, não os considero como significados distintos desta palavra. Trato-os como especificações do significado principal (‘afeição profunda de uma pessoa por outra’), mas especificações que resultam da adição dum atributo. Uma excepção é o *amor erótico*, porque nesse caso a palavra *amor* pode funcionar sozinha. Por isso é precisamente esse sentido que trato como uma especialização do significado principal. Trato separadamente também o significado ‘entusiasmo’ ou ‘gosto intenso por alguma coisa’ (p.e. *amor ao estudo*), devido a uma alteração do objecto de amor

¹ Esta comunicação é a tradução portuguesa dum fragmento da minha tese de doutoramento (Bulat Silva 2008).

² A divisão muito parecida do amor quanto ao seu objecto é dada por Fromm (1992: 47-73). Ele distingue: a) amor fraternal, b) amor materno, c) amor erótico, d) amor-próprio e e) amor a Deus.

do ‘pessoal’ para o ‘impessoal’³. É clara a metáfora neste uso específico de *amor* (*gosto tanto daquela coisa, que sinto como se a amasse*).

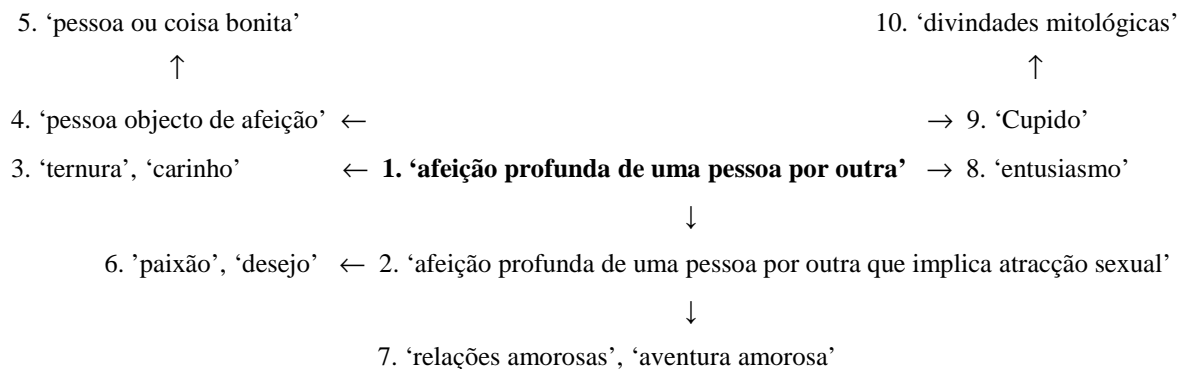
À base das definições dos dicionários e das observações acima indicadas podem-se distinguir dez significados da palavra *amor*:

1. ‘afeição profunda de uma pessoa por outra’
2. ‘afeição profunda de uma pessoa por outra que implica atracção sexual’
3. ‘ternura’, ‘carinho’
4. ‘pessoa objecto da afeição 1. ou 2.’, ‘pessoa amada’
5. ‘pessoa ou coisa bonita’ (normalmente com o artigo *um*)
6. ‘paixão’, ‘desejo’
7. ‘aventura amorosa’, ‘namoro’ (no plural)
8. ‘gosto intenso por alguma coisa’, ‘entusiasmo’
9. ‘entidade mitológica que personifica o amor’, ‘Cupido’
10. ‘divindades mitológicas infantis subordinadas a Vénus e Cupido’

Estes significados estão ligados através das relações metafóricas e metonímicas, e através das relações semânticas hierárquicas: de especialização e de generalização (ou esquematização) do sentido. Formam o *network* estruturado à volta do centro prototípico, isto é o significado no. 1, ‘afeição profunda de uma pessoa por outra’.

Fig. 1 Representação da estrutura semântica de *amor*

O *network* de *amor*



³ O amor prototípico é, sem dúvida, uma relação interpessoal (veja-se Bierwiazzonek 2000: 85).

O significado 2. ‘afeição profunda de uma pessoa por outra que implica atracção sexual’ surgiu, como já disse, como uma especialização do significado principal. Daquele significado por sua vez, e também como especialização, vem o significado 7. ‘namoro’, ‘aventura amorosa’ (no plural), e pela extensão metonímica o significado 6. ‘paixão’ (como componente inerente do amor erótico). É também característica do amor a ‘ternura’, o ‘carinho’. O significado principal serve de nome do ‘objecto de afeição’ (4.), e aqui trata-se da metonímia também. Os significados 4. e 5. estão unidos pela relação da generalização do sentido: ‘objecto de afeição’ serve como nome da ‘pessoa ou coisa bonita’, potencialmente ‘capaz de despertar o amor’ ou ‘digno de amor’. A motivação metafórica é a do significado 8., ‘entusiasmo’. Pela personificação surgiu o significado 9.: *amor* como o nome da ‘entidade mitológica que personifica o amor’. A extensão deste último sentido é o significado 10., nome do deus do amor usado para chamar as divindades subordinadas a ele.

Como já disse, o núcleo semântico que reúne todos os significados do *amor* é ‘afeição profunda de uma pessoa por outra’. É uma ‘afeição’, que pode ser considerada como uma coisa ‘boa’, ‘agradável’ (veja-se Fromm 1992: 13) ou uma coisa ‘que destrói’, ‘que priva da liberdade e da razão’. Sem entrar em detalhes, neste momento podemos anotá-lo em termos da NSM desta maneira:

sinto algo grande por ti
quero estar perto de ti
{*quero fazer coisas boas para ti*}.

A primeira linha mostra que amor é uma emoção (*sinto algo*), que é ‘profunda’ (*grande*) e que tem destinatário (*sinto algo por ti*). Quanto a segunda linha, *quero estar perto de ti* – concordo com Anna Wierzbicka quando diz que „gostar de alguém assume de verdade o contacto, o verdadeiro contacto” (1971: 79), ou mais precisamente – uma vontade de contacto. Nos textos das canções que analisei, *amor* está muitas vezes ao lado da *saudade* e associa-se com a *dor*, *mágoa* e *tristeza*, quando a pessoa amada está longe. O desejo de estar perto (ou inclusive, na sua forma degenerada, de *ter*) da pessoa amada pertence ao invariante de *amor*. A terceira linha contém um componente do significado, baseado nas considerações de Wierzbicka sobre a palavra inglesa *love* (Wierzbicka 1992: 145) e por agora, somente hipotético. Aquela linha mostra o ‘desejo de bem-estar’ da pessoa amada, do ‘bem-estar’, no qual o sujeito quer participar activamente (*quero fazer coisas boas para ti*).

Agora vou passar a uma análise mais minuciosa de amor nas canções de fado. À base dos exemplos extraídos do corpus, tentarei descrever o seu significado em termos da metalíngua semântica natural.

A palavra *amor* apareceu 230 vezes no singular [amor] e 14 vezes no plural [amores]. É o vocábulo mais frequente de todo o corpus, que consiste de 31 231 formas lexicais. O significado básico surge 11 vezes, o terceiro significado, ‘ternura’, ‘carinho’, uma vez (111.), quarto significado ‘pessoa objecto de amor’ - 56 vezes, sexto, ‘paixão’, ‘desejo’ – 23 vezes, sétimo ‘aventura amorosa’ – 10 vezes e oitavo ‘entusiasmo’, uma vez (187.). Na maior parte das frases – nos 134 exemplos, quer dizer 55% de todos os aparecimentos de *amor* – é o significado 2. ‘afeição profunda de uma pessoa por outra que implica atracção sexual’. Sete exemplos causam problemas na interpretação. Os significados quinto, nono e décimo não aparecem nas canções que foram investigadas aqui.

Os dados acima indicados mostram que amor no fado é sobretudo daquele tipo, ao que Fromm (1992: 51) chama *amor erótico* (significado 2., e também derivadas dele 6. e 7.). Dos exemplos dos dicionários acima mencionados resulta a visão de *amor*²(6, 7) como uma emoção violenta, que priva da razão e limita a liberdade. Aquela conceptualização é verificada pelos textos recolhidos, mas no fado amor ganha conotações novas: as de ‘efemeridade’, de ‘fragilidade’ e de ‘sofrimento’.

Pode-se mencionar seis domínios principais com os quais está relacionado o significado de amor no fado. São domínios da ÁGUA, FOGO, SONHO, PRISÃO, LUTA e por fim, o mais numeroso domínio da DOR. As metáforas AMOR É FOGO, AMOR É ÁGUA e AMOR É LUTA são muito frequentes nas línguas europeias (veja-se Jakubowicz 2000: 238-239). Também é frequente na Europa a metáfora AMOR É UMA DOENÇA (Jakubowicz 2000: 239), presente no fado, mas considerada por mim como a mais abrangente AMOR É UMA DOR⁴. Os domínios do FOGO e da LUTA reflectem a ‘violência’ de amor, o domínio da PRISÃO – ‘limitação da liberdade’. O domínio da ÁGUA está ligado com „ir e vir” do amor, com a sua mudança, e também com a sua abundância e descontrolo. O domínio do SONHO une-se com ‘irrealidade’, ‘ilusão’ e ‘efemeridade’ do amor, o domínio da DOR com a ‘tristeza’ e ‘mágoa’ que o amor traz consigo.

O domínio cognitivo da ÁGUA aparece em 3 exemplos.

Amor é água que corre:

⁴ Veja-se também Pimentel (1989: 30): (...) *o amor dos portugueses é sempre uma tortura* (ortografia segundo o original).

1. **Amor** é água que corre
Tudo passa, tudo morre
(„Amor é água que corre”, verso 7)

Amor jorre dos olhos:

2-3. **Amor** é sonho, é encanto
Queixa, mágoa, riso ou pranto
Que duns lindos olhos jorre
Mas tem curta duração
Nas fontes da ilusão
Amor é água que corre
(„Amor é água que corre”, verso 14)

O domínio do FOGO aparece em 7 exemplos.

O amor é conceptualizado como uma chama, que se pode manter acesa:

140. No sopro desta voz
Há razões bem supremas,
Que mantêm acesa
A chama do **amor!**
(„No sopro desta voz”, verso 5067)

Amor põe centelhas:

108. Deu uma, rosas vermelhas
desse vermelho que os sábios
dizem ser a cor dos lábios
onde o **amor** põe centelhas.
(„Lenda das rosas”, verso 4450)

Amor pode inflamar-se:

143. Dois - lado a lado -
Uma só cama !
O **amor** s'inflama,
Doce bailado !
(„Aquilo era Fado”, verso 5237)

... e extinguir, como a luz duma candeia:

201. Mas certo dia,
Veio saber-se na aldeia,
Que o seu pastor lhe mentia,
Que esse **amor** se lhe extinguia,
Como a luz duma candeia,
(„Maria da Cruz”, verso 8841)

O domínio do SONHO aparece em 6 exemplos.

Amor é uma coisa irreal, é sonho e encanto.

2-3. **Amor** é sonho, é encanto
Queixa, mágoa, riso ou pranto
Que duns lindos olhos jorre

*Mas tem curta duração
Nas fontes da ilusão
Amor é água que corre*
(„Amor é água que corre”, verso 14, 19)

Amor é frágil, como se fosse de cera:

45. *Todo o amor que nos prendera,
Como se fora de cera,
Se quebrava e desfazia.*
(„Primavera”, verso 2151)

Com ele anda sempre a ilusão:

211-212. *O amor anda à mercê duma saudade
Com ele anda sempre a ilusão
O nosso amor não tem a mesma idade
Mas tem a mesma lei no coração*
(„A mercê de uma saudade”, verso 9467, 9469)

Amor é fantasia que nos cega:

213. *Teus braços são a minha liberdade
O amor é fantasia que nos cega
É força que transforma a realidade*
(„A mercê de uma saudade”, verso 9481)

O domínio da PRISÃO aparece em 4 exemplos.

Amor pode ser todo grilhetas:

7. *Sei apenas que a adorei, um certo dia
Num amor todo grilhetas, assassinas*
(„O Pierrot”, verso 118)

Amor é uma prisão sem grades:

84. *Mais triste será quem não sofre,
Do amor a prisão sem grades.*
(„Longe daqui”, verso 3392)

Amor é capaz de prender-nos:

196. *Se o amor me prendeu,
Que culpa tenho eu,
De querer-te,
Desta maneira.*
(„Sem razão”, verso 8797)

O domínio da LUTA é visível em 4 exemplos.

Amor é como a guerra de arma branca:

74-75. *Este amor é de guerra de arma branca
Amando ataco, amando contratacas*

*Este **amor** é de sangue que não estanca
Quatro letras nos matam quatro facas.
(„As facas”, verso 3108)*

No amor morre-se assaltando e sendo assaltado:

*76. Amando estou de **amor** e desarmado
Morro assaltando, morro se me assaltas
E em cada assalto sou assassinado.
(„As facas”, verso 3108)*

Amor é inimigo:

*79. Nada haverá que me acoite
Meu **amor**, meu inimigo,
(„Gondarém”, verso 3272)*

O domínio da DOR aparece em 25 exemplos: 4.,15., 18., 35-36., 38., 49., 50., 90-91., 155., 160., 161., 168-169., 175., 180., 181., 193., 211., 228., 229.

O amor é triste lamento:

*4. **Amor** é triste lamento
Que levado p'lo vento
Ao longe se vai perder
(„Amor é água que corre”, verso 21)*

Por causa do amor se despedaça o coração:

*18. Lá encontra um coração
Que de **amor** se despedaça,
Portanto, a menina faça
Esse coração vibrar.
(„Menina do mirante”, verso 532)*

*Ao amor são-lhe dados nomes muito bonitos: *mó de ternura* e *nau de tormento*:*

*35-36. Meu **amor** meu **amor**
meu nó e sofrimento
minha mó de ternura
minha nau de tormento
(„Meu amor, meu amor”, verso 1437)*

O amor é a causa de tanto mal:

*49. De tanto mal, a causa é **amor** puro,
devido a quem de mim tenho ausente,
por quem a vida e bens dele aventuro.
(„Com que voz”, verso 2257)*

Amor é bom e faz-me sofrer', é prazer que traz a dor:

50-51. *O nosso **amor**, meu amor
É bom e faz-me sofrer
Prazer que me traz a dor
Do medo de te perder
(„Mãos desertas”, verso 2532)*

O amor e o sofrimento andam sempre de mãos dadas:

160. *Sei bem,
Que a ternura e o tormento,
O **amor** e o sofrimento,
Andam sempre de mãos dadas.
(„Reviver”, verso 6201)*

Amor dói sem saber porque:

168-169. *Pode ser fogo e paixão
que **amor** que se não vê
esse **amor** de perdição
que dói sem saber porque.
(„Fado Fado”, verso 6507, 6508)*

O amor devora mais do que a dor:

175. *sem saber
se tanto **amor** devora
mais do que a dor que chora,
(„Sem saber”, verso 7259)*

O amor causa mágoa:

180. *agora
só corre a água
da mágoa
que **amor** me deu
(„Horas de breu”, verso 7334)*

Há também alguns domínios marginais. São, sublinhando a ‘efemeridade’ do *amor* metáforas da FLOR (14.), do VENTO (54.) e da ASA ou PÁSSARO (59-64.). A característica da ‘privação da razão’ (AMOR É UMA LOUCURA) encontramos em 2 exemplos.

O amor no fado tem uma característica mais: é ‘paradoxal’, ‘cheio de contradições’. O *amor* é *prazer que traz a dor* (50-51.).

É, ao mesmo tempo, *de mel e de fel*:

117-125. *Tenho um **amor**
Que não posso confessar...
Mas posso chorar
Amor pecado, **amor** de **amor**,*

*Amor de mel, amor de flôr,
Amor de fel, amor maior,
Amor amado!*
(„Amor de fel, amor de mel”, verso 4966, 4969-4972)

Pode dar vida e fazer morrer.

188. *Fui encontrar a desgraça
Onde os mais acham prazer.
Amor que dá vida a tantos
Só a mim me faz morrer.*
(„Fado Choradinho”, verso 7863)

A paradoxalidade do *amor* no fado consiste no facto de, mesmo causando ‘dor’ e sendo ‘efémero’, ‘é o ‘maior bem’, *só na Terra o queremos ter* (83.). Mostram-no os adjectivos que se referem ao amor, os adjectivos valorizados positivamente. *Amor é profundo* (5.), *eterno* (13.), *lindo* (20.), *perfeito* (21., 139.), *sincero* (42.), *puro* (49.), *farto* (100.) e *supremo* (100.). Encontrei apenas dois adjectivos com valor negativo: *sozinho* (90.) e *desiludido* (155.).

Em suma: o *amor* no fado é uma ‘paixão’, uma ‘emoção violenta’, mas ‘passageira’. Mesmo que ‘limite a liberdade’ e ‘cause dor’, „só na Terra o queremos ter”. De todos os modos não se pode dizer que é uma emoção agradável, como opina Fromm (1992: 13), é mais uma emoção cheia de sofrimento ⁵.

Voltemos agora à explicação do significado de *amor*. Antes servi-me da seguinte definição do seu núcleo semântico:

*sinto algo grande por ti
quero estar perto de ti
{quero fazer coisas boas para ti}.*

Agora, à base das observações sobre a imagem linguística da palavra amor acima indicadas, tentarei fazer a explicação exacta que abranja o significado mais frequente nas canções, quer dizer o amor erótico. A definição terá forma dum guião prototípico (*às vezes as pessoas*

⁵ Veja-se também Guimarães (1992: 66): „Ao situar-se a meio caminho entre a alma e o corpo, no lugar onde o culto se realiza, o coração revela sentimentos amorosos sobretudo na sua versão de tristeza, dor, pena, saudade, mágoa”. Miguel Esteves Cardoso (1995) escreve: “Estar triste por causa de quem se ama – porque não a vemos, porque pensamos que não nos ama – é melhor que ser feliz, porque sentimos o que nos une a ela, que nos eleva e nos redime” ([em:] Sampaio Sereno 1996: 115). Esta visão de amor não é própria apenas da língua portuguesa. Wierzbicka (1999a: 293) diz: *As for the „love-like” emotions, in many languages words referring to them appear to be linked with thoughts of „bad things” happening to people and so to be akin, in some ways, to „pity”, „compassion”, „sadness”, and even „anguish” rather than „happiness” or „joy”.*

pensam assim) e será modelada como as definições de emoções de Anna Wierzbicka (Wierzbicka 1999b: 138-162). Defino a frase *X tem amor por Y*.

O invariante semântico do termo *amor* é uma ‘afeição profunda de uma pessoa por outra’. Está escrito como: *sinto algo grande por ti/ quero estar muito perto de ti*. Decidi resignar da terceira linha, porque, mesmo que seja intuitivamente verdadeira, não está verificada pelos dados linguísticos. Parece que neste tipo de amor é mais importante *o que sinto eu*, e não *o que sentes tu*. O destinatário deste amor é tratado como o “objecto” (veja-se exemplos 18., 50-51.). Na segunda linha escrevo *muito perto*, para sublinhar o carácter físico do amor no fado. O aspecto destruidor deste, verificado pelos domínios da conceptualização metafórica, anoto como: *por causa disso pode acontecer-me uma coisa má*. O facto de ‘ser a causa da tristeza e sofrimento’ escrevo como: *[por causa disso] posso sentir algo mau*. A paradoxalidade de amor, o facto de ele ser ‘prazer’ e ‘dor’ ao mesmo tempo está expressada como *[por causa disso] posso sentir algo mau/ posso sentir algo bom*. A ‘violência’, o ‘descontrolo’ do amor anoto como *não sei o que se passa comigo*. A valorização positiva – apesar de tudo - escrevo como *é bom sentir uma coisa assim*. Este último componente revela, muito significativo da cultura portuguesa, o guião da *emocionalidade*, ou em termos da NSM *é bom sentir muito uma coisa* (veja-se Bułat Silva 2004: 191).

X tem amor por Y

X sente alguma coisa

às vezes as pessoas pensam assim:

sinto algo grande por ti

quero estar muito perto de ti

por causa disso pode acontecer-me uma coisa má

posso sentir algo mau

posso sentir algo bom

não sei o que se passa comigo

é bom sentir uma coisa assim

X sente-se assim

Queria sublinhar uma coisa mais. Em português é possível ter não só *amor*, mas também *ternura* e *paixão*. Isto revela um aspecto muito importante da conceptualização do AMOR na língua portuguesa, a sua ‘objectificação’ (AMOR é uma coisa que se *tem*). Miguel Esteves

Cardoso escreve: Dizer «*Eu amo-te*» é dizer algo que se faz. Dizer «*Eu tenho uma grande paixão por ti*» é bastante menos do que isso – é apenas algo que se tem, mais exterior e provisório. Os portugueses, aliás, sempre preferiram a passividade fácil do «*ter*» à actividade, bastante mais trabalhosa, do «*fazer*» (Cardoso 1995: 20, [em:] Sampaio Sereno 1996: 114). Fromm afirma que não se pode *ter* amor, porque o amor é uma actividade criativa e não uma coisa. E acrescenta: „Quando se experiencia o amor no *modo* de posse, isso implica a tentação de limitar, prender e controlar o objecto de amor. Este tipo de amor sufoca, empobrece, mata, em vez de dar vida. O que a gente chama *amor* é resultado do mau uso daquela palavra, o engano, cujo objectivo é esconder a falta de amor verdadeiro” (Fromm 1997: 94). Fromm fala aqui do ponto de vista de um psicólogo social, de um humanista, que está interessado em como deve ser a realidade, num estado ideal. Mas, se olharmos para amor do ponto de vista de um linguista, se olharmos para a **palavra** *amor*, a sua sintaxe, fraseologismos e derivados, concluímos que é exactamente assim o desenho de amor na língua portuguesa. Aquela visão onde o amor cativa e destrói o homem é própria da língua portuguesa, e não é nenhum „mau uso daquela palavra”.

Bibliografia

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa, Verbo. {DIC}
- BIERWIACZONEK, Bogusław (2000) „Religijne subkategorie miłości”. Em: Iwona Nowakowska-Kempna., Anna Dąbrowska, Janusz Anusiewicz, *Uczucia w języku i tekście*. Wrocław, Wydawnictwo Uniwersytetu Wrocławskiego: 79-115.
- CARDOSO, Miguel ESTEVES (1995) *A Causa das Coisas*. Lisboa, Assírio e Alvim.
- FROMM, Erich ([1956]1992) *O sztuce miłości*. Warszawa, Sagittarius.
- FROMM, Erich ([1968]1997) *Mieć czy być?*. Poznań, Rebis.
- GUIMARÃES, Ana Paula (1992) *Olhos, Coração e Mãos no Cancioneiro Popular Português*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- JAKUBOWICZ, Mariola (2000) „Dwa oblicza miłości. Porównanie językowych obrazów miłości tkwiących w etymologii i frazeologii”. Em: Iwona Nowakowska-Kempna., Anna Dąbrowska, Janusz Anusiewicz, *Uczucia w języku i tekście*. Wrocław, Wydawnictwo Uniwersytetu Wrocławskiego: 233-243.
- LAKOFF, George (1987) *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago-London, The University of Chicago Press.

- MACHADO, José Pedro, coord. (1981) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Amigos do Livro Editores.
- PIMENTEL, Alberto ([1904]1989) *A triste canção do sul: subsidios para a história do fado*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- ROQUETE, J.I. e FONSECA, José da. ([1848]1974) *Dicionário dos Sinónimos Poéticos e de Epítetos da Língua Portuguesa*. Porto, Lello & Irmão.
- SERENO, Maria Helena SAMPAIO (1996) *Contributo para a Análise Sintáctico-semântica e Textual de Alguns Verbos de Afecto*. Porto (texto policopiado).
- SILVA, Zuzanna BUŁAT (2004) „Fado - pieśń Lizbony”. *Orbis Linguarum* (Oficyna Wydawnicza Atut – Wrocławskie Wydawnictwo Oświatowe, Wrocław). vol. 27: 183-192.
- (2008) *Fado - podejście semantyczne. Próba interpretacji słów kluczy*. Wrocław, Oficyna Wydawnicza ATUT.
- SILVA, António MORAIS ([1798]1949) *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Confluência.
- TABAKOWSKA, Elżbieta, coord. (2001) *Kognitywne podstawy języka i językoznawstwa*. Kraków, Universitas.
- WIERZBICKA, Anna (1971) *Medytacje semantyczne. Kocha, lubi, szanuje*. Warszawa, Wiedza Powszechna.
- (1992) *Semantics, Culture and Cognition. Universal human concepts in culture-specific configurations*. Oxford-New York, Oxford University Press.
- (1996) *Semantics: Primes and Universals*. Oxford, Oxford University Press.
- (1999a) *Emotions Across Languages and Cultures: Diversity and universals*. Paris-Cambridge, Cambridge University Press.
- (1999b) *Język-umysł-kultura*. Warszawa, PWN.